

A INTER-RELAÇÃO ENTRE SUJEITO CRIADOR E OBJETO ARTÍSTICO: UMA EXPERIÊNCIA FILOSÓFICA

Cintia Perola Napoli¹

Resumo: Como se dá a inter-relação entre sujeito criador e objeto artístico na criação artística, tendo em vista a perspectiva fenomenológica? A necessidade de se buscar novas dimensões e possíveis respostas para a questão “relação sujeito-objeto”, traz o confronto entre o paradigma tradicional e o paradigma emergente, como fundamental orientação deste artigo. Um tema que vem sendo incansavelmente discutido por pensadores de diversas áreas, como a educação, a filosofia, as artes, entre outras, com a intenção de compreender o mundo no qual vivemos e, neste artigo em especial, na busca da significação à criação humana nas artes. Por meio de um pensamento crítico, o presente artigo se debruça no tema em questão com viés na investigação da experiência humana com o objeto artístico.

Palavras-chave: Sujeito-objeto. Fenomenologia. Paradigma tradicional.

***Résumé:** Comment se déroule la inter - relation entre le sujet créateur et l'objet artistique dans la création artistique, considérant la perspective phénoménologique? La nécessité de chercher nouvelles dimensions et possibles réponses à la question " sujet-objet», déclenche la confrontation entre le paradigme traditionnel et le paradigme émergent comme une orientation fondamentale de cet article. Un thème qui a été discuté sans cesse par des penseurs de plusieurs domaines tels que l'éducation, la philosophie, les arts, entre autres, avec l'intention de comprendre le monde dans lequel nous vivons et cet article en particulier, à la recherche du sens de la création humaine dans les arts. À travers de la pensée critique cet article se concentre sur le sujet en question avec un biais dans l'enquête de l'expérience humaine avec l'objet artistique.*

***Mots-Clés:** sujet-objet, la phénoménologie, le paradigme traditionnel.*

1. INTRODUÇÃO

A relação entre sujeito e objeto, quer no fazer artístico ou em outras instâncias, que envolve o ser humano e sua realidade, ganhou grande destaque com a advinda crise do para-

¹ Esse artigo foi apresentado como atividade de avaliação em Unidade de Aprendizagem no curso de Filosofia da Unisul na modalidade a distância. A autora desse artigo formou-se no segundo semestre de 2014 no referido curso. Endereço de e-mail da autora: cintianapoli@ig.com.br.

digma dominante do século XVI. Tal crise fez com que pensadores do século XX se debruçassem sobre a aparente dicotomia sujeito-objeto, predominante até então, colocando em xeque nossa herança cartesiana.

Na tradição clássica, o conhecimento artístico era fundado na mimetização da realidade e na valorização da forma e do conteúdo, mais tarde, com a chegada do pensamento cientificista, passa a ter como bases a *máthêsis*, ou seja, um conhecimento fundado em domínios empíricos. Nesse novo modelo, o sujeito observador do objeto observado, nada mais é do que uma nova face da mesma moeda – a dicotomia entre sujeito e objeto permanece como ordem de conduta de um pensamento tradicional.

É nesse contexto que, entre meados do século XX, pensadores iniciam a busca pela superação da dicotomia até então estabelecida. A fenomenologia vai se opor radicalmente ao dualismo tradicional, considerando que “[...] o conhecimento é o encontro entre sujeito e objeto num só ato: a abertura da consciência ao mundo”. (TARGA, p. 67, 2011). A esse respeito, baseado na tradição fenomenológica, Edmund Husserl deu um passo muito importante. Partindo do questionamento sobre o conhecimento das coisas nelas mesmas, Husserl desenvolveu um extenso estudo sobre a busca pelo fundamento significativo das coisas naquilo que elas são. Para ele, é por meio da experiência vivida de modo intuitivo, que podemos apreender as essências dos objetos que se apresentam à nossa razão. Sua crítica ao pensamento cartesiano se encontra na constatação de que a objetividade da ciência bloqueia a vivência do EU, e, conseqüentemente, torna inviável a compreensão do mundo da vida.

Assim como Husserl, Merleau-Ponty também traz sua crítica ao pensamento científico. O fenomenólogo critica o pensamento operatório da ciência, que considera os objetos subjugados à nossa existência. A proposta de Merleau-Ponty é fundada na reflexão filosófica da relação corpo-mundo. Para ele, tal atividade reflexiva não se separa do mundo sensível e assim afirma que é com o olhar do interior que se reconstrói o real. “Quer se trate do corpo do outro ou do meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo, quer dizer, retomar por minha conta o drama que o transpassa e confundir-me com ele. Portanto, sou meu corpo.” (Merleau-Ponty, 1999, p. 269). Diante dessa nova perspectiva é possível vislumbrar um outro caminho para a arte. A relação dinâmica entre sujeito criador e objeto artístico inaugura um novo estatuto, dando à arte a possibilidade de um redimensionamento da realidade. A arte não é imitação da realidade, não é cópia daquilo que é exterior ao artista. Segundo Cézanne, a natureza reside no interior.

Essa relação consciente, criativa e ativa entre o sujeito e o objeto é um caminho para se trilhar, ainda repleto de dúvidas e incertezas, sabendo-se que temos fortes influências do paradigma dominante do século XVI e que perdura até os dias de hoje. Com o surgimento de novos problemas, próprios de uma realidade dinâmica, vemo-nos impelidos para o desafio da transformação no nosso ser e agir, para assim construir um conhecimento mais humano e diversificado. Essa nova diretriz passou a compreender que ambos, sujeito e objeto, transformam-se na mesma medida. Porém, como se dá tal experiência? E aproximando essa questão ao fazer artístico, vale dizer que assim como o paradigma emergente que ainda se encontra em fase inicial de assimilação, a linguagem da arte também caminha por solos movediços, logo um assunto propício à investigação.

Dessa maneira, o presente trabalho pretende desenvolver um pensamento crítico sobre a experiência humana na criação artística, a partir da leitura histórica do problema filosófico sujeito e objeto.

2. SUJEITO-OBJETO, SEGUNDO O PARADIGMA TRADICIONAL E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A VIDA

Os valores e crenças que constituíram o projeto científico moderno predominaram durante os três últimos séculos, deixando fortes marcas e ditando regras com suas verdades absolutas. René Descartes (1596 – 1650), a partir de uma racionalidade metódica apresentou caminhos seguros para que a ciência pudesse alcançar às certezas da verdade. Esse pensador do século XVII, propôs a separação do sujeito pensante (*res cogitans*) e da coisa pensada (*res extensa*).

[...] só concebemos os corpos por intermédio da capacidade de entender que há em nós e não por intermédio da imaginação nem dos sentidos, e que não os conhecemos pelo fato de tocá-los, mas por apenas por concebê-los por meio do pensamento [...] (DESCARTES, 1999, p.268)

O ideal científico pretendia chegar a um conhecimento absoluto da verdade, cujo caminho tinha como ponto de partida e de chegada a própria ciência. Em sua obra “Discurso do Método” (DESCARTES, 1637), Descartes apresentou um método de conduta para o pensamento humano, o qual prometia uma verdade sólida e inegável, a razão como elemento determinante para se alcançar o verdadeiro progresso. Com essas bases, a ciência cartesiana deu ao

mundo um *status* puramente quantitativo. Indo de encontro a este pensamento, o cientista inglês Isaac Newton (1643 – 1727) deixou um legado centrado nas verdades ditadas pela revolução científica. Tratou o mundo como uma verdadeira máquina, sendo prescindível a participação do sujeito na construção desse conhecimento.

Francis Bacon (1561-1626), com seu arrojado projeto buscou uma nova ciência, que seria capaz de possibilitar ao homem um conhecimento e um poder sobre a natureza até então desconhecidos. Dominar e controlar a Natureza e os seres humanos - essas foram as palavras de ordem da ciência proposta por Bacon. Um ideal nascido na sociedade moderna e que atravessou três séculos da existência humana, ressoando até os dias atuais. A dicotomia predominante no ideal científico criou um grande afastamento entre o sujeito conhecedor e o objeto de conhecimento, trazendo grandes consequências para a vida do ser humano. “[...] segundo o paradigma tradicional, coloca-se em primeiro lugar a preocupação em definir e, posteriormente, em conhecer o objeto, relegando o sujeito para o campo do não científico.” (GUAZZELLI, 2003, p. 3). Grandes acontecimentos que marcaram a história, como o advento da Segunda Guerra Mundial, a fabricação de armas nucleares e armas bacteriológicas, deflagram os sucessos, limites e defeitos de uma perspectiva que se encontra em crise. Nesse sentido, Edgar Morin diz que:

A ciência cartesiana parte de um pensamento que isola e separa, que reduz o todo às suas partes, aos seus aspectos mensuráveis, quantificáveis. A necessidade atual exige a substituição de um pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une. É preciso substituir um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento do complexo [...] (MORIN, Edgar, 2000, p. 35)

Com o surgimento de uma nova dinâmica imposta pela realidade contemporânea, a perspectiva paradigmática que dominou o pensamento moderno começa ser fortemente questionada. Pellanda (2000) descreve a crise atual da seguinte maneira:

[...] a crise atual tem raízes profundas no aniquilamento dos sujeitos destroçados por um paradigma científico que os fragmentava até as últimas consequências existenciais. O paradigma cartesiano que surgiu na modernidade é, por definição, o paradigma da disjunção. Tudo é condenado à separação: corpo, alma e noções, sujeito e objeto, ser humano e natureza, interioridade, exterioridade sucessivamente. A ciência moderna sistematizada por Descartes e consolidada por Newton expulsava da investigação científica o subjetivo, a emoção e o desejo como atrapalhadores do conhecimento. Assim, o ser humano perdeu-se de si mesmo e foi condenado a uma solidão terrível. Nesta fragmentação, a própria ética separou-se da religião e do processo de construção do ser humano. (PELLANDA, 2000)

Antes mesmo da chegada do século XX, Kant (1724 – 1804) trouxe à tona a discussão da relação entre sujeito e objeto. Porém, segundo suas conclusões, sabendo-se que as coisas são reflexos dos nossos juízos, não seria possível conhecê-las em sua essência. Mesmo que tal crítica tenha sido iniciada, essa não foi suficiente para que se estabelecesse uma real mudança de paradigma. A visão de mundo fundamentada no mecanicismo e na superatividade continuava presente. Segundo análise de Guazzelli (2003, p. 3) “tratava-se, ora de estudar o sujeito enquanto condição de possibilidade do conhecimento, domínio da filosofia, ora de estudar o objeto particular, domínio de cada ciência”.

A superação da condição estabelecida pelo paradigma moderno impôs um grande desafio para a humanidade, qual seja, o de construir um conhecimento mais humano e diversificado para, quem sabe, ir ao encontro ao sujeito que se perdeu de si mesmo.

3. SUJEITO-OBJETO - ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA

Para iniciar este capítulo, vale, primeiramente, um breve resgate do surgimento da fenomenologia. Considerada uma das principais correntes filosóficas do século XX, a fenomenologia é o estudo dos atos da consciência e dos modos como as coisas se apresentam elas mesmas por meio da experiência humana. Edmund Husserl (1859 – 1938), criador da fenomenologia, tinha como questão fundamental de sua filosofia a busca pelo conhecimento das coisas nelas mesmas. Para esse pensador, a consciência é fundamental para o verdadeiro conhecimento das coisas, cujo movimento é determinado pela intencionalidade. Em “Os problemas fundamentais da fenomenologia” (1910 – 1911), Husserl aponta para uma mudança relacional entre sujeito e objeto, concedendo a esse uma evidência segundo os perfis subjetivos, por meio dos quais vivamos a esses objetos. “Nós podemos tornar evidente o modo como as coisas são; quando fazemos assim descobrimos objetos, mas também descobrimos a nós mesmos [...]” (SOKOLOWSKI, p. 12, 2012). Sendo assim, sujeito e objeto se revelam numa relação que se dá pela mútua passividade e atividade na construção do saber.

Com o desenvolvimento de sua obra filosófica, Husserl dá um passo decisivo em sentido à superação da cisão entre a consciência e as coisas, trazendo grande repercussão para a filosofia contemporânea. Outros tantos pensadores colocaram seus esforços na superação da dicotomia imposta pela tradição. Maurice Merleau-Ponty (1908 – 1961), estudioso da fenomenologia

alemã, sobretudo de Husserl, procurou nos mostrar que há na ciência um valor intrínseco, porém, há também uma expressividade do mundo que a ciência não dá conta de explicar. Em “Conversas – 1948”, Merleau-Ponty nos diz que:

Em ciência, não podemos nos vangloriar de chegar, pelo exercício de uma inteligência pura e não situada, a um objeto livre de qualquer vestígio humano e exatamente como Deus o veria. Isso em nada diminui a necessidade da pesquisa científica e combate apenas o dogmatismo de uma ciência que se considerasse o saber absoluto e total. (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 7 e 8)

Para Merleau-Ponty, a reflexão filosófica não se separa do mundo sensível. O filósofo francês atribuiu um estatuto essencialmente corporal à existência humana e uma relação estreita do Eu com o mundo e com o outro. Sobre isso ele nos diz que:

A aquisição mais importante da fenomenologia foi sem dúvida ter unido o extremo subjetivismo ao extremo objetivismo em sua noção do mundo ou da racionalidade. A racionalidade é exatamente proporcional às experiências nas quais ela se revela. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 18).

Desde o início de sua investigação filosófica, sua preocupação foi a de encontrar o diálogo entre a ciência e a filosofia, reconciliando, dessa maneira, o pensamento de si mesmo com as coisas do mundo. Em “Fenomenologia da Percepção”, ele nos diz que “a verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 19). O caminho desta nova filosofia apresentada por Merleau-Ponty está aquém da dicotomia do sujeito e objeto, na revelação de uma terceira dimensão, onde os opostos não são mais contraditórios e voltem a travar um diálogo. Essa relação que reúne sujeito e objeto, autonomia e dependência, consciência e as coisas do mundo, cada qual com seus direitos relativos, tem como mediação o corpo. A experiência do corpo vivido situa-se no nível da percepção e revela-nos o mundo como ele de fato é, antes mesmo de conceituá-lo. Para Merleau-Ponty, isso quer dizer que o mundo é aquilo que percebemos. “Buscar a essência da percepção é declarar que a percepção é não presumida verdadeira, mas definida por nós como acesso à verdade.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 14).

Dentro da perspectiva fenomenológica, a verdade que se busca não é a evidência da coisa em si, mas o sentido que há no cruzamento das experiências do EU e do outro com a coisa. O que vejo não é o que o outro vê, ou ainda, o que é potencial para mim é real para o outro. A experiência do outro transforma a minha e, além do mais, “apreciamos o objeto tal como transcendendo nosso próprio ponto de vista [...]”. (SOKOLOWSKI, 2012, p.164). Essa experiência

perceptiva nos dá acesso a um mundo intersubjetivo, um mundo que nos oferece outro nível de identidade de nós mesmos, do outro e do objeto observado. Nas palavras de Merleau-Ponty:

O mundo fenomenológico não é a explicitação de um ser prévio, mas a fundação do ser; a filosofia não é o reflexo de uma verdade prévia mas, assim como a arte, é a realização de uma verdade. (MERLEAU-PONTY, 1999, p.19)

Para finalizar este capítulo, trago uma reflexão de Robert Sokolowski, encontrada na introdução de sua obra “Introdução à Fenomenologia”, qual seja:

[...] a fenomenologia pode continuar a oferecer uma importante contribuição para a filosofia atual. “Seu capital intelectual está longe de ter sido esgotado, e sua energia filosófica permanece largamente inexplorada.” (SOKOLOWSKI, 2012, p. 10)

A nova relação entre sujeito-objeto, apresentada por essa corrente filosófica, afetou diretamente não só o modo de se fazer arte, como também a apreciação dela. Assim como na fenomenologia, a arte também é uma área de conhecimento a ser explorada.

4. A INTER-RELAÇÃO ENTRE O SUJEITO CRIADOR E O OBJETO ARTÍSTICO

O mundo contemporâneo trouxe com ele grandes transformações em todas as instâncias que o constituem. A arte não ficou fora desse cenário, seu contorno que antes se apresentava bem demarcado, trouxe para seu discurso objetos e questões da vida ordinária, misturados a uma linguagem artística, apoiada em elementos tradicionais. A primeira concepção de arte, na tradição clássica, foi a da *mimesis*, onde se tinha a arte como imitação da natureza. Mais tarde, no final do século VIII e início do século XIX, a arte libertou-se da natureza, valorizando a inspiração e o caráter subjetivo do artista como impulso criativo. Essa concepção da arte surgiu dentro de um contexto histórico social em que se deu a separação do homem e a natureza e que tinha o conhecimento fundado em domínios empíricos – *máthêsis*. Por fim, na contemporaneidade chegamos a uma concepção de arte como expressão e construção de sentidos. Em Convite à Filosofia (CHAUÍ, p. 284, 2005), Marilena Chauí afirma que:

A obra de arte não é pura criatividade espiritual espontânea e livre, mas um trabalho para a expressão de um sentido novo, escondido no mundo, e um processo de construção do objeto artístico, em que o artista colabora com a natureza ou luta com ela e contra ela, separa-se dela ou volta a ela, vence a resistência dela ou dobra-se às exigências dela. A arte é trabalho de expressão que constrói um sentido novo (a obra) e o institui como parte da cultura.

Segundo Merleau-Ponty, é por meio da descrição do ato expresso de significação que se pode alcançar a superação da dicotomia clássica entre sujeito e objeto. O encontro entre o ser e o mundo cria um novo espaço, dentro e fora simultaneamente, o qual se expressa por uma arte que não é mundo e que também não é o ser. Desse modo, podemos concluir que a expressão artística advém do movimento de saída e entrada de si no momento da experiência perceptiva, ou ainda, isso nos leva a entender que a expressão artística dá visibilidade aos fenômenos perceptivos da consciência humana. Em relação a isso, vale afirmar que:

Há uma tensão a ser desvendada no ir e vir do ser e da sua expressão, o que propicia a procura e a descoberta de novos sentidos a partir do pensamento que vive em cada leitura que fazemos de um autor, fenomenologicamente. (DERI de CODINA e MONTEIRO de ARAÚJO, 2011, p. 22)

Partindo desse pressuposto, é possível dizer que a partir de uma análise fenomenológica o fazer artístico revela a invisibilidade perceptiva apreendida pelas sensações, é por meio da arte que o invisível se torna visível. A arte de Paul Cézanne pode aqui ser retomada como referência dessa proposta estética, a qual traz no seu fazer artístico a expressão perceptiva da consciência humana. Cézanne buscou em sua obra uma reconstrução da realidade a partir do olhar interior. Merleau-Ponty, em “A dúvida de Cézanne”, afirma que:

O pintor retoma e converge justamente em objeto visível o que sem ele permanece encerrado na vida separada de cada consciência: a vibração das aparências que é o berço das coisas. Para um pintor como esse, uma única emoção é possível: o sentimento de estranheza, e um único lirismo: o da existência sempre recomeçada. (MERLEAU-PONTY, 2004, p.133)

A arte por essa perspectiva, revela um novo modo de ser no mundo. Qualquer que seja a forma de expressão artística, tratará indubitavelmente de criações de sentidos, de experiências perceptivas sobre si e sobre o mundo e por fim, de sua realização máxima, qual seja a transformação simultânea do ser e do mundo.

A expressão estética confere a existência em si àquilo que exprime, instala-o na natureza como uma coisa percebida acessível a todos ou, inversamente, aranca os próprios signos — a pessoa do ator, as cores e a tela do pintor — de sua existência empírica e os arrebatada para um outro mundo. (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 248)

Para Shusterman, “Há coisas que só podemos conhecer praticando, escutando e entendendo por meio do corpo, pois as palavras rodeiam essas experiências e a sua sabedoria”. (SHUSTERMAN, 2008, p. 12). O corpo, enquanto gesto já é linguagem implícita de toda a expressão. Não é por meio da representação tampouco da deliberação consciente que travamos uma efetiva comunicação, a a não ser por meio da intencionalidade irrefletida. A comunicação se dá no encontro entre as intenções e os gestos de mim para o outro e do outro para mim. Merleau-Ponty ressalta a impressionante eficácia da intencionalidade corporal:

Assim como o artista faz seu estilo irradiar até as fibras mesmas do material em que trabalha, movo meu corpo sem sequer saber quais músculos e caminhos nervosos têm de intervir, nem onde devo procurar os instrumentos dessa ação. Quero ir ali, e aqui estou, sem ter penetrado o segredo desumano do mecanismo corporal ou ter ajustado aquele mecanismo aos dados do problema(...) Olho o objetivo, sou atraído por ele, e o aparato corporal faz o que tem que ser feito para que eu chegue lá. Para mim, tudo acontece no mundo humano da percepção e do gesto, mas meu corpo “geográfico” ou “físico” submete-se às demandas desse pequeno drama, que não deixa de provocar mil maravilhas naturais nele. Só meu olhar voltado para o objetivo já tem seus próprios milagres. (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 66)

Se entendermos por arte uma possível via de redimensionamento da nossa realidade, de um encontro sensível entre o ser o mundo, ou ainda como um espaço potente de transformações mútuas do Ser e do mundo, então, cabe finalizar esse artigo com uma reflexão de um pensador que doou tantos esforços nesse sentido. Merleau-Ponty nos deixou uma extensa obra, cujo assunto está longe de ser esgotado.

“Um dos méritos da arte [...] é o de fazer-nos redescobrir esse mundo em que vivemos, mas que somos sempre tentados a esquecer”. (MERLEAU -PONTY, 2004, p. 2)

CONCLUSÃO

É nesta perspectiva que a arte cumpre sua real função, qual seja, a revelação de múltiplos universos e inúmeros mistérios. A possibilidade de superação de um pensamento dicotômico nos traz a esperança de ir ao encontro a um ser mais humano, de perceber no visível sinais invisíveis e, acima de tudo, de reaprender a ver o mundo. É por meio dessa experiência artística

e filosófica que sujeito e objeto se encontram para uma mútua transformação e redimensão de suas próprias realidades.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Carmen S. G. **Exercícios do Olhar: Conhecimento e Visualidade**. São Paulo: UNESP, 2008.

CODINA, Graciela Deri de e ARAÚJO, Paulo Roberto Monteiro de. Leitura fenomenológica da arte e do ser humano aponta para a superação de sentido e a abertura de significados. **Ciência e Vida** – Filosofia especial, São Paulo, ANO II, n. 8

GUAZZELLI, Iara. **A relação entre sujeito e objeto e as novas perspectivas paradigmáticas para o conhecimento sociológico**. São Paulo, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Phenomenologie de La Perception**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Conversas – 1948**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MOUTINHO, Luiz Damon Santos. **Razão e experiência: ensaio sobre Merleau-Ponty**. Rio de Janeiro: UNESP, 2006.

MORIN, Edgar. **Pensamento Sistêmico Complexo**: Revista Linha Direta. Publicação Mensal dos Sinepes e da AEBJ, Nº 57, 2002.

PELLANDA, Nize Maria Campos. “Novos Paradigmas do Conhecimento em Início de Milênio”, **Folha de São Paulo**, São Paulo, 06/04/2000.

SHUSTERMAN, Richard. **Consciência Corporal**. Tradução de Pedro Sette-Câmara. São Paulo: Vida e Consciência, 2012.

TARGA, Dante Carvalho. **Filosofia da Educação**. Palhoça: UnisulVirtual, 2011.